

Do susto à surpresa¹

Sobre o imprevisível no campo do autismo

Patricia Cardoso de Mello,² São Paulo

Resumo: A autora discute a questão do imprevisível no campo do autismo. Crianças autistas, cujo narcisismo primário é dotado de grande precariedade, se desorganizam ao entrar em contato com a imprevisibilidade do universo humano, caracterizado pelo pulsional. Assim, tais crianças adotam o que ela chama de solução autística: o estabelecimento de uma relação de apoio perceptivo-sensorial com o inanimado, que visa estabilizar minimamente o sentimento identitário. A autora apresenta o material clínico de uma criança de 9 anos, onde vemos que a elaboração da experiência do susto ligado à instabilidade do mundo vai dando lugar ao surgimento da experiência da surpresa. O trabalho analítico vai permitindo à paciente que o encontro com a alteridade aconteça de maneira prazerosa e enriquecedora, e não de maneira disruptiva e traumática – e portanto como algo a ser ativamente negativizado.

Palavras-chave: imprevisibilidade, autismo, pulsional, sentimento identitário

*Os sentimentos são
sempre uma surpresa.*

CLARICE LISPECTOR

Aqueles que trabalham com crianças autistas sabem o quão difícil é para elas lidarem com o imprevisível. Uma pequena mudança repentina na rotina, um gesto um pouco brusco, um acontecimento imprevisto são elementos capazes de desencadear intensos momentos de desorganização, muitas vezes uma crise de terror.

O rígido sistema defensivo dessas crianças, implementado para evitar a ameaça permanente de invasão proveniente tanto do mundo interno como do mundo externo, é facilmente colapsado por algo inesperado. O inesperado rompe os limites já extremamente precários do eu na medida em que produz uma quantidade de excitação excessiva, que não logra ser ligada, podendo operar como um fator traumático.

1 Este texto recebeu o prêmio da Coordenação Internacional entre Psicoterapeutas, Psicanalistas e Membros Associados que Se Ocupam de Pessoas Autistas (Cippa), América Latina, em 2022.

2 Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Quando, ao contrário, o narcisismo é bem constituído e a capacidade de ilusão se implementou suficientemente bem (Winnicott, 1963), um certo grau de imprevisibilidade pode ser integrado sem causar dano ao aparelho psíquico. O transicional funciona como uma espécie de amortecedor com relação ao potencial traumático da realidade não eu.

Não há dúvida de que a criatividade supõe uma dose significativa de inesperado, de novidade. A relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo só pode ser verdadeiramente autêntica e enriquecedora se existir espaço para o novo: para a criação de sentido, a improvisação, o lúdico. Na brincadeira, no espetáculo e na atividade criativa em geral, o imprevisível faz parte do jogo e engendra vivências positivas – de emoção, graça, riso, divertimento, prazer –, dando lugar ao âmbito do surpreendente.

O universo humano se define por sua complexidade viva – da qual o imprevisível, o incoerente e o contraditório constituem parte essencial. Tais características estão intimamente relacionadas ao fato de sermos seres pulsionais. As pulsões nos condenam ao movimento: existem sempre em excesso, representando uma exigência de trabalho constante para o aparelho psíquico. E especialmente para o eu, encarregado de articular a relação entre pulsões e objetos na vida anímica.

Nesse contexto parece situar-se a predileção da criança autista pelo mundo inanimado, dotado de alta constância e previsibilidade, características sumamente reasseguradoras para ela. A criança autista buscaria emprestar das coisas sua natureza inanimada – majoritariamente permanente, quieta, sólida, inabalável. Ela buscaria na estabilidade morta das coisas atributos para sanar a brutal instabilidade narcísico-identitária da qual sofre.

O desencontro radical com o objeto primário – que ocorre por razões complexas e das mais diversas ordens – leva ao fracasso da construção do narcisismo primário, dando lugar ao que eu, parafraseando Joyce McDougall, chamaria de solução autística: o estabelecimento com o meio material de uma relação de apoio perceptivo-sensorial que garante, ainda que muito precariamente, o sentimento identitário.

As teorizações fundamentais de Tustin (1972) sobre os objetos autísticos nos permitiram compreender em profundidade essa questão. Tais objetos são utilizados pelas crianças autistas por serem duros e proverem uma sensação de dureza capaz de fornecer provisoriamente ao eu alguma solidez, sendo experimentados como fazendo parte do próprio corpo. A precariedade dos limites egoicos dessas crianças é tal que em muitos momentos elas precisam dessa sensação para se manterem minimamente organizadas.

Nessa perspectiva, podemos formular a hipótese de que uma dimensão fundamental da identidade da pessoa com autismo se constitui a partir do inanimado e não a partir do humano. O evitamento ativo da relação

com o outro, que se desenvolve muito precocemente, vem acompanhado de um sobreinvestimento no mundo das coisas. O mundo inanimado toma de algum modo o lugar do outro humano, operando como um verdadeiro suporte identificatório.

Podemos dizer que as crianças com autismo, em grande medida, vivem a si mesmas como coisas. Elas fazem um esforço persistente para banir tudo que há de humano nelas e no outro. Identificam-se de modo adesivo aos objetos inanimados e às sensações que eles provocam, para tornarem-se como eles – sem pulsões, emoções, sentimentos, pensamentos. Tustin (1986) afirma nesse sentido que em estado autístico esses pacientes não têm consciência de sua própria humanidade, nem da humanidade das outras pessoas.

Diversos analistas mencionam aspectos contratransferenciais experimentados na relação com essas crianças que concernem a essa questão: eles se sentem como coisas. Ao descrever seu primeiro encontro com Dick, Klein (1930) afirma que ele desviou dela como se ela fosse um móvel. Essa preciosa observação nos fala da sensação de ser um objeto inanimado para o outro. Aulagnier (1986) menciona também esse sentimento no contato com pacientes esquizofrênicos, emprestando de Orwell (1949) uma palavra expressiva: ela diz que em certos momentos se sentia como uma “impessoa” (*unperson*).

O título do livro de Alvarez, *Live company* [Companhia viva] (1992), faz referência a esse aspecto não vivo, inanimado, coisificado, presente no contato com a criança autista, e que demanda do analista uma atitude viva, ativa, presente. Para Tustin (1986), a única via de transformação do autismo é a interação com a vida e o uso mais espontâneo das capacidades inatas da criança. E quem diz vida, diz imprevisível.

Nas páginas que seguem, descreverei um breve trecho do longo processo analítico de uma criança com autismo, onde transferências incandescentes caracterizam momentos de dificuldade extrema, assim como de mutação potencial. Veremos como a elaboração da imprevisibilidade dos acontecimentos vai permitindo que a experiência do susto seja pensada e transformada, tornando possível a emergência da experiência da surpresa. Assim, o trabalho de simbolização do imprevisível converte a descoberta do novo e das diferenças num processo lúdico, atenuando o impacto destrutivo dos eventos disruptivos sobre o psiquismo e consolidando o prazer de pensar. Ele se situa no lento, extenso, delicado e tortuoso processo de passagem do predomínio do narcisismo negativo (Green, 1983) radical ao predomínio do narcisismo “positivo” no qual consiste o tratamento da criança com autismo, de uma perspectiva especificamente contemporânea.

Sobre Dulce

Dulce tem 9 anos recém-completos. Chegou ao meu consultório com 2 anos e meio, num estado de retraimento autístico grave. Emergiu pouco a pouco desse estado, adquiriu a linguagem e tem se desenvolvido bastante bem. Momentos de fechamento persistem no entanto, durante os quais ela fica inacessível ao contato. Frequenta uma escola regular, um ano atrasada, com ótimo desempenho acadêmico. É uma menina alegre, que tem por um lado um desejo autêntico de se comunicar e, por outro, dificuldades importantes em se relacionar, sobretudo com os pares.

Aos 2 anos e meio, além da recusa ativa da relação com os outros, Dulce apresentava uma hipotonia geral e praticamente não emitia sons. Passava a maior parte do tempo imóvel, deitada ou sentada no chão, com a cabeça meio caída e o olhar vago. Parecia um bebê mole e grandão – ou uma boneca de pano. Seus pais, muito preocupados com seu estado, de fato a tratavam como um bebê, numa atitude de superproteção e sobreinvestimento extremos, reforçada pelo fato de Dulce ser filha única. Quando ela ensaiava um movimento de exploração do ambiente, ficavam tão apreensivos que acabavam inibindo completamente sua iniciativa.

Diante desse quadro, propus um atendimento de duas sessões semanais com a criança e os pais, e uma sessão semanal só com os pais. Estes últimos aderiram ao trabalho analítico de maneira muito colaborativa, estabelecendo comigo um vínculo de confiança. A mãe se responsabilizou pelo acompanhamento de Dulce e esteve sempre presente com ela nas sessões. O pai compareceu às sessões da criança de maneira eventual, mas veio assiduamente às sessões do casal. Há um ano, Dulce passou a vir sozinha em uma de suas duas sessões semanais.

A partir do nosso trabalho, os pais foram desenvolvendo uma grande sensibilidade para atribuir sentido às manifestações da filha e para com ela se comunicar. Ao mesmo tempo, tenho tido muita dificuldade em trabalhar a questão da separação. Os pais se oferecem para Dulce como pura continuidade, como puro familiar, mantendo uma relação de interdependência a três muito particular. A dinâmica familiar atesta a precariedade da triangulação e o predomínio do especular e da indiscriminação.

Assim, a relação entre Dulce e seus pais apresenta aspectos fusionais importantes. Ainda hoje Dulce mexe na bolsa de sua mãe sem lhe pedir permissão, senta em seu colo o tempo todo e manipula o seu corpo como se este fosse de sua propriedade ou uma extensão do seu próprio – o que a mãe não identifica como sendo um problema. Desde bebê, sempre dormiu na cama dos pais. Apenas recentemente começou a investir em sua própria cama. Mas sua mãe a põe para dormir deitando com ela, de mãos dadas. Dulce me explica:

“É o meu quarto e da minha mãe!”. Tem conseguido lá adormecer, mas no meio da noite vai para a cama dos pais. O pai não se incomoda – ao contrário, ele adora. Em sua impossibilidade de sustentar a função paterna, esclarece: “Por que eu me incomodaria? Ela dorme metade da noite abraçada com a mãe e metade da noite abraçada comigo!”.

Com efeito, os pais de Dulce concordam em tudo, funcionando num modo de complementariedade narcísica infalivelmente harmônico. Ao longo de todos esses anos de trabalho, nunca discutiram em minha presença. Nem sequer verdadeiramente discordaram a respeito de algo. Muitas vezes, um começa uma frase e o outro termina, me fazendo lembrar de Huguinho, Zezinho e Luisinho. Falam baixo, de maneira calma e pausada. Nunca se descompõem. São muito doces e respeitosos um com o outro, com a filha e também comigo. Esforçam-se em permanência para banir da vida dela qualquer sofrimento, falha, dificuldade, ruptura, conflito, forjando o que eu chamaria de um ambiente emocional homogêneo.

Dulce por sua vez apresenta uma clara dificuldade em metabolizar psicicamente aspectos dissonantes do ambiente. Ela fica como que capturada por essas dissonâncias. Com uns 3 anos, quando descia ao playground do seu prédio, colocava seu indicador no único ladrilho do solo que tinha um pedacinho quebrado. Dentre todos os ladrilhos do vasto espaço, havia um ligeiramente diferente. E era justo aquele que chamava a sua atenção. Para a angústia e a incompreensão dos pais, ela era obcecada por esse ladrilho: assim que chegavam ao playground, ela não aceitava desgrudar o dedo dali de jeito nenhum.

A busca de apelar as diferenças aparece de várias formas nas brincadeiras de Dulce. Aos 7 anos passou muitos meses brincando com dinossauros de uma maneira muito repetitiva. Havia várias mães dinossauras cuidando de seus filhotes. Ao lado delas, havia um elefante robusto que também tinha seu filhote. Ele fazia exatamente como as mães e Dulce o apelidou de “Papaizona”. Papaizona era uma mãe com nome de papai, ou um papai-feminino, como se mãe e papai fossem iguais e não houvesse diferenças entre os sexos. A diferença aqui, marcada pelo aumentativo, aparece restrita ao tamanho.

Os presentes e sua imprevisibilidade

O imprevisível sempre foi um enorme desafio para Dulce. Até por volta dos 6 anos, quando ganhava presentes, deixava-os vários dias no canto da sala de jantar antes de poder abri-los. Ficavam ali embrulhados, intactos, aguardando até que ela tivesse coragem de retirar suas embalagens e se deparar com algo que ela não sabia o que era. Tinha muito receio do que encontraria dentro

daqueles pacotes coloridos, tão deliciosamente irresistíveis para a enorme maioria das crianças.

Se as crianças com autismo apresentam uma predileção pelos objetos em detrimento das pessoas, em boa parte pela complexidade e pela imprevisibilidade do universo humano marcado pelo pulsional, dentre os objetos, os preferidos são de longe os conhecidos. Objetos desconhecidos são evitados. Afinal o desconhecido é em si uma descontinuidade e portanto um fator potencialmente desorganizador para o eu.

Os presentes, além de serem novos e desconhecidos, têm essa característica perturbadora de serem inacessíveis à vista, posto que estão embrulhados. Eles só podem ser imaginados; suas características externas são como pistas que nos levam a cogitar a respeito do seu conteúdo, mas algo de enigmático e incalculável permanece.

Conhecemos bem a dificuldade das crianças com autismo em imaginar o que há por trás da superfície das coisas, em sair da concretude do sensível. Decifrar as emoções no rosto do outro, ler nas entrelinhas, interpretar um texto constituem imensos desafios para elas. A aderência à superfície do objeto e as dificuldades em relação ao seu lado oculto, à sua profundidade, nos levam às teorizações de Bick (1968) e Meltzer (1975) sobre a identificação adesiva e a bidimensionalidade psíquica. Segundo a autora, o próprio fato de o objeto possuir um interior provoca angústias violentas e intensos movimentos defensivos. Nessa linha, Tustin (1986) afirma que a sensorialidade é uma defesa contra a emergência do pensamento e da fantasia.

A desconfiança despertada em Dulce pelos presentes revela de fato a presença de fantasias persecutórias a respeito de seu conteúdo. Os presentes são objetos suspeitos. Até segunda ordem, são presentes de grego.

A história do cavalo de Troia nos traz um aspecto interessante para pensar essa questão. A história trata do perigo que reside no desejo. A questão da beleza e do desejo por ela despertado está no centro da narrativa. Ela aparece não somente através da imagem do belo e irresistível presente, mas constitui o próprio elemento desencadeador da guerra entre as duas cidades. De fato, a guerra é iniciada porque Páris, filho de Príamo, rei de Troia, rapta Helena, a mulher mais bela do mundo e esposa de Menelau, governante de Esparta. A impetuosidade do desejo de Páris leva-o a um fim trágico, a guerra, terminando com sua morte e a destruição de Troia. A beleza é aqui um atributo capaz de enganar nossos sentidos, de nos iludir, nos impedindo de enxergar para além da superfície e de aniquilar.

É verdade que os presentes são objetos altamente investidos libidinalmente. Eles estão relacionados de perto com a pessoa que os oferece, estão

carregados de alteridade. Como a própria palavra nos indica, eles tornam presente o outro, eles o presentificam.

Assim, além de gerarem movimentos persecutórios por serem enigmáticos, os presentes parecem despertar apreensão em Dulce justamente porque são irresistíveis, porque atizam a curiosidade e o desejo. Porque despertam a pulsão. Deixá-los “descansando” seria portanto uma tentativa de “neutralizá-los”, de torná-los menos desejáveis, e assim menos perigosos.³ Resistir ao objeto e à dependência – esta parece ser aqui a missão do eu.

Material clínico: trabalhando o imprevisível

Na segunda sessão depois da volta das férias de verão, Dulce (9 anos) entra na sala de análise e pega o meu celular que está em cima da mesa, sem me pedir autorização. Ela me entrega o aparelho para que eu o desbloqueie. Diz, sorridente: “Sua senha é secreta, né, Patricia?”, retomando nossas conversas de antes das férias, que acabaram virando uma brincadeira. Respondo que posso lhe emprestar o *meu* celular se ela quiser.⁴ E ao colocar a minha senha, digo que sim, ela é secreta, sinalizando mais uma vez para essa menina que eu tenho segredos, intimidade, e que ela não pode transitar livremente como se o outro fosse o mesmo.

Ela pega o aparelho e coloca um vídeo bem curtinho. Nesse vídeo, vemos algumas letras em posição invertida que vão se aproximando e se virando lentamente, até poderem ser lidas pelo espectador: “MARIO BROS”, aparece escrito. Quando as letras ficam legíveis para mim, digo espontaneamente com uma voz de surpresa: “Ah, Mario Bros!”. Ela ri, contente, e coloca de novo e de novo esse vídeo. A cada vez que as palavras se constituem e tornam-se legíveis, digo de maneira sempre mais exagerada e brincalhona: “Ahhhhh, Mario Broooooo!”.

3 Dulce começou a se interessar recentemente por vídeos de unboxing. São apresentações filmadas de como desembalar passo a passo um produto eletrônico, por exemplo um DVD. Uma pessoa vai mostrando como abrir seu conteúdo, devagarinho e advertidamente, com comentários detalhados, de modo a não surpreender, causando angústia.

4 Dulce frequentemente utiliza o meu celular para compartilhar comigo vídeos, filmes e músicas a que assistiu em casa. É um material interessantíssimo, que traz informações preciosas sobre seu mundo interno. Como sabemos, as crianças com autismo têm essa maneira peculiar e intrigante de se comunicar. Laznik (1995) descreveu como uma criança autista assistia incansavelmente às mesmas curtíssimas passagens de um desenho animado. Ela relata que algum tempo se passou até que ela pudesse se dar conta de que havia ali um sentido e começasse a escutar analiticamente as frases selecionadas pela criança. O que parecia ser feito de modo aleatório era na realidade um trabalho de recorte milimétrico de frases presentes no desenho. Assim, apesar das limitações de linguagem e da precariedade do eu, essas crianças são capazes de “contar” – a um interlocutor avisado – algo de fundamental sobre elas.

Ela ri às gargalhadas, muito excitada, com uma tonalidade ligeiramente maníaca. E vai repetindo a minha fala, com a mesma entonação.

Em seguida, Dulce me mostra um outro vídeo onde vemos Mario Bros e Luigi ao lado de um longo cano cheio de curvas por onde saem coisas inesperadamente. Não dá para saber o que vai sair da extremidade do cano, e nem quando. De repente saem tartarugas, caranguejos, moedas. Vão aparecendo devagar, em ordem aleatória e em intervalos irregulares, de modo que nunca sabemos o que vamos encontrar, nem quando. Então digo: “Oh, que susto! Uma tartaruga!”, “Nossa, o que será que vem agora?”, “Ah! Um caranguejo!”, “Acho que agora vem uma tartaruga!”, “Não, é uma moeda!”. E assim por diante. Dulce fica fascinada pelas imagens do vídeo, se mexe e ri algo euforicamente.

Vou imaginando que ela me conta através dessas duas cenas algo sobre o imprevisível e as emoções que ele provoca. Parece-me que ela está tentando de algum modo figurar o nosso encontro depois de tanto tempo separadas. A ansiedade da espera, o aparecimento súbito que provoca riso, a felicidade de me rever, a excitação do encontro, mas também o susto gerado pela minha aparição e o medo de não conseguir me encontrar de fato. No primeiro vídeo, as palavras vão se aproximando devagar até ficarem subitamente visíveis, um pouco como o momento da sessão que vai se aproximando conforme o tempo vai passando, até que Dulce finalmente me enxerga e me reencontra. No segundo vídeo, há também a tensão da espera, o aparecimento excitante dos objetos que surgem de repente e que fazem referência à situação de reencontro comigo, revelando o receio de que algo assustador pudesse aparecer.

Na clínica das crianças graves é tão imprescindível pensar o impacto emocional do encontro quanto o da separação. Separação e encontro são momentos críticos para essas crianças porque abalam diretamente os limites do eu, e podem ser concebidos como duas faces de um mesmo processo. O aparecimento do outro é vivido como disruptivo, evidenciando a completa falência do espaço transicional e da dinâmica do criado/achado (Winnicott, 1953). O aparecimento é vivido como aparição – palavra comumente usada para designar o surgimento súbito e apavorante de seres sobrenaturais que fazem irrupção na realidade.

Depois de dar lugar a esses pensamentos em mim, falo a Dulce sobre a alegria de me encontrar após tanto tempo de férias e sobre o fato de que ela parecia estar esperando muito por esse momento. Falo também sobre o *susto* que ela parece ter levado quando eu apareci e do medo que ela tinha de não me encontrar de verdade, como antes.

Penso em seguida na volta às aulas que ocorreu há dois dias e pergunto como foram as coisas na escola. Lembro que além da troca habitual da

professora, esse ano as classes foram misturadas. Digo que imagino que várias coisas devem estar diferentes na escola – a professora é nova, tem amigos novos. Ela fica muito interessada e me conta que a sala é diferente, o andar é outro, as paredes foram pintadas de azul, e Julieta, colega que retornou à escola depois de um ano fora do país, está banguela. Vamos falando sobre todas essas mudanças, esses imprevistos, esses sustos.

Proponho então que a gente faça uma lista de todas as coisas que estão diferentes na escola. Pego um pedaço da massinha biscuit verde que Dulce deixou sobre a mesa – ela está manuseando um outro pedaço – e faço letras que dizem: “QUE SUSTO!”, oferecendo essas palavras como suporte para suas vivências. Colo essas letras no topo da nossa lista e em seguida proponho fazermos uma outra, com todas as coisas que não mudaram na escola.

O medo do desconhecido não habita só Dulce. Seus pais têm igualmente um enorme receio de tudo que é novo. A nova professora, os novos alunos, os novos terapeutas, as novas atividades, as novas ideias. A novidade é sempre motivo de grande angústia para eles e de muito trabalho para nós: de fato, esse tem sido um assunto recorrente nas nossas conversas.

Em particular, no que se refere à escola da filha, a cada ano se angustiam terrivelmente com a nova professora. Num determinado final de ano, para enorme preocupação deles, descobrem que é um professor homem quem cuidará da classe dela. Eles acham que “isso é muito estranho”, cogitam mudá-la de classe, de período e até de escola. Ao longo do ano, no entanto, vão se afeiçoando ao professor, até o acharem excelente. E então, no início do ano seguinte, não vão com a cara da nova professora: “Não sei não, ela é meio esquisita...”. Essa repetição anual vira uma piada entre nós e assim vamos elaborando as dificuldades que eles têm com as diferenças e que vão de encontro, provocam, reforçam as dificuldades de Dulce.

No caso de Dulce, vemos como a nova configuração da escola a coloca em dificuldade. As paredes azuis, a nova professora, os novos colegas, os colegas antigos que não estão, a colega que retornou depois de um ano com a fisionomia diferente, tudo isso parece transformar a escola numa outra escola, uma escola maluca e sem sentido.

Ou, poderíamos dizer, numa escola inteiramente estranha. Isto é, a experiência da novidade produz um estranhamento de tal intensidade que Dulce se perde da escola velha. O diferente se transforma num outro estranho e ameaçador. Nesse sentido, fica evidente que o autismo é um transtorno identitário. A integridade do eu não tem estabilidade e se descompõe permanentemente. A identidade está sempre por um fio. É perdida a cada vez que o ambiente muda, provocando uma descontinuidade permanente no sentimento de existir – e uma angústia avassaladora.

O tema da escola que provoca susto vai continuar a se desenvolver na sessão seguinte. Assim que chega, Dulce pega uma pequena melancia de brinquedo e alguns pinos de madeira coloridos. Repete várias vezes exatamente as mesmas palavras: “Téo pipi”, “Xixi”, “Cocô”, “Não é hora de estudar”, “Vamos dormir”, “Não”, “Palavrão”, “Vai” e “A escola acabou”. Durante alguns instantes, fico sem entender o que são essas falas desconexas. Pouco a pouco, com a minha ajuda, vamos conseguindo organizar uma brincadeira.

Dulce tem muitas vezes essa maneira particular de se comunicar. Ela traz elementos soltos, que num primeiro momento parecem bizarros e me provocam estranhamento. Fico confusa e desorientada, sem entender o que ela está tentando transmitir. Mas progressivamente uma cena vai tomando forma e sentidos vão emergindo.

Aqui vou entendendo que estamos numa sala de aula. Dulce me pede: “Você que fala!”. Eu aceito o convite e vou desenvolvendo a história. A melancia, que ela chama de “professora-melancia”, diz essas coisas estranhas, coisas que nunca esperaríamos que uma professora dissesse, nos colocando no campo do surpreendente, do inusitado. Ela chama os alunos de xixi e cocô, diz que é hora de dormir, manda as crianças para a casa. Dulce morre de rir. Pede que eu faça a reação dos alunos. E vou inventando: um chora, outro fica furioso, um quer chamar os pais para pedir ajuda, outro bate na professora, e assim sucessivamente. Ela tem um prazer imenso em observar a brincadeira, em ver a cena que imaginou ganhando vida, em se sentir compreendida e em compartilhar comigo os sentidos das palavras. Aqui também a alegria e a excitação assumem uma tonalidade hipomaniaca. Ela gargalha e dá pulos, agitando os braços.

A escolha que faz Dulce de uma melancia para representar a professora nova me pareceu extremamente interessante e me fez muito refletir. Pensei inicialmente na expressão cabeça de melancia, que se refere a alguém meio atrapalhado, distraído, que faz coisas sem sentido – como a nossa professora-melancia.

Depois tomei conhecimento de uma outra expressão, presente no discurso ideológico da direita brasileira nos anos 60 (durante a ditadura militar), que se referia a alguém que esconde suas crenças, que mostra uma coisa mas é outra. Mais precisamente, um “melancia” era alguém que fingia ser nacionalista, a favor do Brasil, mas na verdade era comunista, ou seja, era verde e amarelo por fora e vermelho por dentro. Por isso era alguém em quem não se podia confiar. As cores verde e amarelo representam o Brasil, o familiar, o verdadeiro, o confiável; e o vermelho simboliza o comunismo, o estranho, o traiçoeiro.

De fato a melancia se presta perfeitamente a essa metáfora. Olhando para o seu exterior é impossível imaginar o seu interior. Mais do que isso, exterior e interior estabelecem uma relação de contraste, de diferença radical,

quase que de antagonismo. Nesse sentido, ela seria uma espécie de prova de que realmente não se deve confiar nas aparências. Um equivalente do presente embrulhado que gerava ansiedade em Dulce quando ela era menor.

Mais tarde nessa sessão, buscando promover a capacidade de Dulce de representar, pego uma folha de papel e escrevo “A escola maluca” e pergunto se ela quer desenhar a professora-melancia dizendo todas aquelas coisas malucas. Ela aceita, animada, e faz um rosto com vários balõesinhos em volta onde ela escreve aquelas palavras e frases mencionadas anteriormente.

A elaboração do susto provocado pelo imprevisível continua a se dar nas sessões seguintes, e vai assumindo formas variadas. Por exemplo, um dia Dulce me pede para fazer cartas de animação. Respondo que não sei exatamente o que são, mas que podemos fazer juntas, se ela quiser. Fabricamos então oito cartas com folhas sulfite coladas e recortadas. Ela solicita que eu desenhe a professora-melancia em cada uma das cartas – virando pó, sendo eliminada de um jogo, cortada em dois pedaços, queimada, esmagada por moedas de ouro etc. Oito tristes fins para a professora-melancia. Cada uma das mortes tem um som associado, por exemplo “puf” quando ela vira pó. Intensas angústias de morte vão dessa forma ganhando representação na brincadeira, de modo que podemos juntas fazer face a elas.

Na sessão seguinte, Dulce pega um pouco de massinha verde, a mesma com que escrevi “QUE SUSTO!” na nossa lista de mudanças na escola, e senta-se à mesa. Modela três pequenas figuras que não consigo identificar. Emite sons agudos e faz movimentos disruptivos esquisitos com os braços, gira a cabeça de um lado para o outro freneticamente, grita, se agita. Eu pergunto várias vezes o que são aquelas figuras, mas fico sem resposta. Nesses momentos de intenso fechamento autístico que ainda acontecem, Dulce fica incomunicável. Não fala comigo, não me olha, não dá sinais de me escutar.

Pergunto várias vezes o que está acontecendo. Digo que parece estar havendo uma luta terrível, que não estou entendendo nada, que estou com medo etc. Ela permanece alheia. Pouco antes do fim da sessão ela diz: “Puf!”. E eu respondo: “Nossa, é como a professora-melancia! Ela desapareceu, puf!”. Então ela me olha com os olhos arregalados e diz: “Sim”, abrindo finalmente uma janela para a comunicação. Explica-me que a professora-melancia está tentando capturar um sapo com um boné. Essas são as três figuras. É uma luta horrível, pois o sapo responde atacando-a. Um quer fazer o outro desaparecer. Quando o boné cai sobre o sapo, ele desaparece. E quando o sapo ataca a professora-melancia, ela vira pó. Trata-se de uma luta pela existência onde não há permanência do objeto: quando ele deixa de ser visto, é como se não existisse mais. As fantasias terroríficas sobre o desaparecimento de si e do outro vão sendo assim compartilhadas com a analista e progressivamente elaboradas.

O aspecto aterrorizante da professora-melancia vai ficando mais claro nas sessões que se seguem. Dulce pega as cartas de animação que fizemos e me explica que elas servem para matar a professora-melancia. Pega a melancia e um pino de madeira, que representa um aluno. Quer que eu encene uma batalha usando as cartas, como fazem as crianças na escola com cartas Pokémon. A disputa entre o aluno e a professora-melancia, entre ela e eu, pode ser colocada em cena, trazendo para o campo analítico o pavor de aniquilar e ser aniquilada, o pavor de que a existência de um implique a inexistência do outro. Ela se diverte muito com a brincadeira.

Algumas sessões mais tarde ocorre algo que me surpreende. Dulce traz uma imagem no celular da mãe para me mostrar. É um círculo grande preto, que se encontra dentro de vários círculos vermelhos, dando a impressão de um túnel, arrisca a mãe. Eu concordo. Falo do fundo preto do túnel, e digo que temos a impressão de que vai aparecer algo de lá, desse espaço redondo e escuro. Pergunto de onde é essa imagem e Dulce me explica que é o logo da Looney Tunes.⁵

E então, olhando para a imagem ela sussurra: “A surpresa!”. E coloca um vídeo com uma imagem similar de onde vemos subitamente surgir o Gaguinho, aquele porco da Looney Tunes. Ele surge de maneira repentina de dentro de um círculo central verde-claro, furando-o como se esse fundo fosse de papel e causando de fato um efeito de surpresa. Os círculos de fora são vermelhos, como no logo, e nos remetem às cortinas vermelhas do teatro. Essa antiga animação faz sem dúvida alusão ao palco e ao espetáculo, onde coisas incríveis e surpreendentes aparecem e desaparecem graças às cortinas vermelhas. No espetáculo, esses fatos surpreendentes fazem parte do jogo. Estamos advertidos de que vai acontecer algo extraordinário – prevemos que haverá o imprevisível, esperamos o inesperado –, que dessa forma não é disjuntivo e invasivo, mas prazeroso.

Não posso deixar de notar que o vermelho e o verde, o dentro e o fora, o redondo estão presentes tanto nessas imagens como na melancia. Conhecendo Dulce, não me parece ser um acaso. Esse filme é uma condensação de vários aspectos do que vínhamos trabalhando nas últimas sessões. Ele deve ser tomado como um elemento de associação livre visual. Como descrito, o trabalho com Dulce tem se dado muitas vezes a partir de imagens, imagens digitais que ela traz prontas ou concretas, que fabricamos juntas no consultório.

Parece-me que o trabalho com imagens é um aspecto fundamental do atendimento de crianças autistas, cujo pensamento muitas vezes carece

5 Dulce é apaixonada por logos. Logos são imagens ultracondensadas, são meio linguagem, meio coisa.

de palavras. A função do analista é de compreender e colocar em palavras a experiência bruta e ultracondensada do paciente, no sentido de construir uma rede de representações cada vez mais consistente, que amortee o impacto das experiências disruptivas.

A palavra “surpresa”, trazida por Dulce, me parece muito significativa. Aqui é ela própria quem pensa essa palavra, sendo capaz de fazer sozinha o que frequentemente precisa fazer com a minha ajuda: passar da imagem à palavra. Eu havia até então falado em “susto” para nomear a experiência do imprevisível. Mas aparentemente, nosso longo trabalho de elaboração permitiu que surgisse uma nova nuance dessa experiência, exigindo uma nova palavra para nomeá-la. Sustos são sempre angustiantes. Surpresas podem ser boas ou ruins. O susto é uma experiência violenta, que faz intrusão e descompõe o eu, enquanto a surpresa é tolerável e pensável, e eventualmente divertida.

Conclusão

A clínica do autismo é um dos territórios em chamas da prática analítica contemporânea, que enfrenta os desafios dos limites do analisável. Ao longo das sessões descritas, vemos como o trabalho analítico vai permitindo a Dulce viver a experiência de encontro com a alteridade – a analista, a escola, o pensamento, os sentimentos – de maneira prazerosa e enriquecedora. O objeto vai lentamente podendo ser percebido como separado – com suas diferenças e características próprias –, sem que isso o torne traumático, disruptivo, violento, e portanto algo a ser ativamente negativizado.

Del susto a la sorpresa: sobre lo imprevisible en el campo del autismo

Resumen: La autora aborda la cuestión de lo imprevisible en el ámbito del autismo. Los niños autistas, cuyo narcisismo primario es muy precario, se desorganizan cuando entran en contacto con lo imprevisible del universo humano, caracterizado por la pulsión. Así, estos niños adoptan lo que ella denomina una solución autista: el establecimiento de una relación de apoyo perceptivo-sensorial con lo inanimado, que pretende estabilizar mínimamente su sentimiento de identidad. La autora presenta el material clínico de una niña de 9 años, donde vemos que la elaboración de la experiencia del susto vinculada a la inestabilidad del mundo va dejando paso a la emergencia de la experiencia de la sorpresa. El trabajo analítico permite que la paciente se encuentre con la alteridad de forma placentera y enriquecedora, y no de forma perturbadora y traumática – y, por tanto, como algo que hay que negativizar activamente.

Palabras clave: imprevisibilidad, autismo, pulsión, sentimiento de identidad

From fright to surprise: on the unpredictable in the field of autism

Abstract: The author discusses the issue of the unpredictable in the field of autism. Autistic children, whose primary narcissism is very precarious, become disorganized when they come into contact with the unpredictability of the human universe, characterized by the drive. Thus, these children adopt what she calls an autistic solution: the establishment of a perceptual-sensory support relationship with the inanimate, which aims to minimally stabilize their sense of identity. The author presents the clinical material of a 9-year-old child, where we see that the elaboration of the experience of fright linked to the instability of the world is giving way to the emergence of the experience of surprise. The analytical work allows the patient to encounter otherness in a pleasurable and enriching way, rather than in a disruptive and traumatic way – and therefore as something to be actively negativized.

Keywords: unpredictability, autism, drive, sense of identity

De l'effroi à la surprise : de l'imprévisible dans le champ de l'autisme

Résumé : L'autrice aborde la question de l'imprévisible dans le champ de l'autisme. Les enfants autistes, dont le narcissisme primaire est très précaire, se désorganisent au contact de l'imprévisibilité de l'univers humain, caractérisée par la pulsion. Ces enfants adoptent alors ce qu'elle appelle une solution autistique : l'établissement d'une relation d'étayage perceptivo-sensoriel avec l'inanimé, qui vise à stabiliser à minima leur sentiment d'identité. L'autrice présente le matériel clinique d'un enfant de 9 ans, où l'on voit que l'élaboration de l'expérience d'effroi liée à l'instabilité du monde cède la place à l'émergence de l'expérience de surprise. Le travail analytique permet à la patiente de rencontrer l'altérité de façon agréable et enrichissante, plutôt que de façon perturbatrice et traumatisante – et donc comme quelque chose à négativer activement.

Mots-clés : imprévisibilité, autisme, pulsion, sentiment d'identité

Referências

- Alvarez, A. (1992). *Live company: psychoanalytic therapy with autistic, abused and borderline psychotic children*. Routledge.
- Aulagnier, P. (1986). Le retrait dans l'hallucination: un équivalent du retrait autistique? In P. Aulagnier, *Un interprète en quête de sens* (pp. 395-410). Ramsay.
- Bick, E. (1968). The experience of the skin in early object-relations. *The International Journal of Psychoanalysis*, 49, 484-486.
- Green, A. (1983). *Narcissisme de vie, narcissisme de mort*. Minuit.

Do susto à surpresa

- Klein, M. (1930). The importance of symbol-formation in the development of the ego. *The International Journal of Psychoanalysis*, 11, 24-39.
- Laznik, M. C. (1995). *Vers la parole: trois enfants autistes en psychanalyse*. Denoël.
- Meltzer, D. (1975). *Explorations in autism: a psychoanalytical study*. Karnac.
- Orwell, G. (1949). 1984. Secker and Warburg.
- Tustin, F. (1972). *Autism and childhood psychosis*. Hogarth.
- Tustin, F. (1986). *Autistic barriers in neurotic patients*. Karnac.
- Winnicott, D. W. (1953). Transitional objects and transitional phenomena: a study of the first not-me possession. *The International Journal of Psychoanalysis*, 34, 89-97.
- Winnicott, D. W. (1963). From dependence towards independence in the development of the individual. In D. W. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment* (pp. 83-92). International Universities Press.

Recebido em 5/5/2025, aceito em 12/5/2025

Patricia Cardoso de Mello

patriciacardosodemello@outlook.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.04